

**Capítulo 14 - DOI:10.55232/1082022.14**

**TECNOLOGIAS DIGITAIS, CUIDADO E CURA: SABERES  
E FAZERES DE BENZEDEIRAS (ES) E RAIZEIRAS (OS)  
DO QUILOMBO DE MATA CAVALO**

**Edson Caetano e Daniele Trevisan**

**RESUMO:** Este texto se ocupa da reflexão acerca das pesquisas empíricas desenvolvidas no âmbito do Projeto “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do Quilombo de Mata Cavalu/Nossa Senhora do Livramento/MT” desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE). Caracteriza-se como uma pesquisa de cunho qualitativo e metodologia de pesquisa participante na qual buscamos identificar os sentidos possíveis para o uso das mídias digitais no contexto de compartilhamento de práticas tradicionais de cuidado e cura desenvolvidas pelo Coletivo Saberes e Fazeres curativos do Quilombo de Mata Cavalu. Objetivamos refletir acerca do processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas no âmbito do projeto, bem como, os limites de tal utilização diante dos tempos, espaços e lugares socioculturais em que os sujeitos estão inseridos.

**Palavras-chave:** Saberes Tradicionais; Medicina Popular; Cuidado e Cura; Quilombo; Tecnologias Digitais.

## INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), vem, desde 2011, desenvolvendo pesquisas empíricas junto aos povos e comunidades tradicionais, refletindo sobre a produção de sua existência, que se dá de forma alternativa à cultura do trabalho hegemônica (CAETANO, 2021).

No período compreendido entre agosto de 2021 e outubro de 2022 o GEPTE está desenvolvendo o Projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT”<sup>1</sup>. O projeto objetiva fortalecer e encorajar benzedoras e benzedores da comunidade quilombola de Mata Cavalo a reivindicar direitos, ocupar espaços e propor alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura e cuidado por meio, especialmente, da criação da Associação de Benzedoras e Benzedores. Para tanto, foram mapeados os sujeitos da comunidade que desenvolvem saberes e práticas ancestrais ligadas ao ofício de práticas tradicionais de cuidado e cura e saúde popular e realizou-se um processo formativo através de oficinas na comunidade (GEPTE, 2021) embasados na metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 1984).

Neste texto, objetivamos identificar os sentidos possíveis para o uso das mídias digitais no contexto de compartilhamento de práticas tradicionais de cuidado e cura desenvolvidas pelo Coletivo Saberes e Fazeres curativos do Quilombo de Mata Cavalo. Para tanto refletiremos acerca do processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas cotidianas de saúde popular realizadas pelas participantes do referido coletivo.

No sentido de possibilitar a utilização da tecnologia pelo coletivo foram realizadas oficinas, por meio da metodologia de pesquisa participante (BRANDÃO, 1984) na comunidade com os moradores que desenvolvem práticas tradicionais de cuidado e cura no âmbito da medicina popular.

Para Brandão (1984), pesquisar é participar, esta abordagem procura conviver com o outro no seu mundo, no dia a dia compartilhando a construção de saberes. A pesquisa

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) através do Edital nº003/2021 Extensão Tecnológica - Conhecimento a Serviço da População.

participante é “uma das modalidades em que há um envolvimento dialógico e de destinação tão amplo quanto possível, e em que os ‘sujeitos pesquisados’ são também essencialmente co-autores e co-atores de todo o seu acontecer, sendo também os seus destinatários” (BRANDÃO, 2013, p. 5).

No transcorrer das oficinas ficou latente a necessidade de promover novas possibilidades de comunicação entre os participantes para organização das atividades a serem realizadas. As tecnologias e a autonomia digital das benzedeadas e benzedores seriam fundamentais para a consolidação deste objetivo, entretanto, seria imprescindível identificar e superar desafios no tocante aos tempos, espaços e lugares socioculturais em que os sujeitos estão inseridos. Neste texto apresentamos reflexões acerca desse processo de incorporação e utilização das tecnologias nas práticas no âmbito do coletivo.

## **PRÁTICAS TRADICIONAIS DE CUIDADO E CURA: MATERIALIZAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS E DA EXPERIÊNCIA**

Grande parte das pessoas adultas já buscaram ou foram levadas enquanto crianças para uma benzedeadora em busca de curas para quebrante, mau olhado, espinhela caída ou outros males que acometem o corpo e a alma. São muitas as práticas de benzeção e maneiras de se benzer. Também é comum o uso de xaropes, chás, garrafadas, remédios que envolvem saberes de plantas e ervas com propriedades medicinais, que para além da combinação entre as propriedades curativas produzidos de forma artesanal em combinação com uma poderosa fé e amorosidade de quem os produz. Esses são exemplos de práticas tradicionais de cuidado e cura, materializados através da medicina popular, oriunda de saberes tradicionais e da experiência de quem os produz. Essas práticas são realizadas por aqueles que possuem um grande conhecimento sobre plantas, ervas e raízes que podem ser utilizadas para fins terapêuticos.

A busca por essas práticas tradicionais ocorre concomitantemente com outras opções para a obtenção da cura, como por exemplo a medicina convencional, configurando uma estratégia social, política e cultural que as pessoas podem utilizar em sua vida cotidiana. Essas práticas são “a conquista e preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que ela seja, ao saber erudito” (OLIVEIRA, 1985, p. 68). Essa resistência se faz necessária em uma sociedade marcada por desigualdades e exclusão social entre

dominantes e dominados, tornando-se práticas sociais realizadas nas comunidades tradicionais, a partir da produção da existência orientada pela solidariedade e fraternidade. Como afirma Oliveira (1985, p. 69) a medicina popular e os cuidados tradicionais de cuidado e cura “fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção da vida [...] constitui um sistema próprio de cura, relativamente autônomo. É um ofício artesanal dentro de um modo de produção capitalista”.

É preciso considerar ainda que “esse ofício se coloca como um conjunto de saber-fazer específico, constituindo ele mesmo, simultaneamente, um ofício transformador, que se constrói e se recria permanentemente, mesmo à revelia do saber erudito” (OLIVEIRA, 1985, p. 74). Dessa forma pode-se compreender, a partir da medicina popular, como são percebidos, representados e como os sujeitos participam da cultura popular. É preciso enxergar a medicina tradicional a partir de seus aspectos internos, ou seja, como ela é concebida, formulada, compartilhada e vivida pelos sujeitos, para que, evitemos de submetê-la a uma posição de inferioridade o tocante à medicina convencional.

Para Oliveira (1985, p. 09) “a benção é então um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social da qual fazem partes”. Essas práticas, presentes no cotidiano, corroboram para a relação de cooperação e solidariedade entre as pessoas da comunidade, constituindo-se, pois, enquanto uma prática sociocultural.

O ofício das pessoas que se ocupam das atividades relacionadas ao cuidado e a cura se espelha muito em sua trajetória de vida, são modos diversos de benzer, de cuidar e de curar. Em que pese a diversidade anteriormente referida, persiste em comum o fato de se constituírem como práticas que tem como objetivo o alcance da saúde por práticas de vocação religiosa, procurando oferecer respostas as doenças e aflições através da benção que visam à cura do corpo e da alma. Essas práticas fazem parte de produções culturais de comunidade tradicionais que buscam estratégias distintas para resolver seus problemas, explicar a existência e lutarem contra males que as acometem. Diante disso, as práticas tradicionais de cuidado e cura continuam a existir com uma autonomia e crenças da comunidade de sua positividade frente a outras formas de superação da doença.

Para Oliveira (1985) é imprescindível considerar que o ofício da benzedeira não deve ser visto apenas enquanto um trabalho que se constitui como um modo de curar utilizando

símbolos religiosos, mas como um instrumento de intervenção no processo histórico-social, ainda que ela não o faça de forma consciente e crítica.

A ciência, através das práticas medicinais convencionais, busca novas concepções de doença, que passam a ser vistas de modo distinto das práticas tradicionais de cuidado e cura, desenvolvem-se a cura de doenças com fármacos químicos, normatizações e protocolos para serem usados por médicos e instituições, entretanto, o resgate e a conservação das práticas tradicionais são fundamentais para assegurar o modo de ser e de re-existência que dão sentido às comunidades tradicionais.

## **CONTEXTUALIZANDO O COLETIVO SABERES E FAZERES CURATIVOS DO QUILOMBO DE MATA CAVALO**

De acordo com o Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil, criada por uma equipe técnica do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), a comunidade quilombola de Mata Cavallo encontra-se localizada, no Estado de Mato Grosso, às margens da BR-MT 060, no município de Nossa Senhora do Livramento, situado a 50 quilômetros da capital Cuiabá.

Mata Cavallo ocupa um espaço geográfico de 14.622 hectares, divididos e organizados em seis comunidades: Aguaçu de Cima, Mata Cavallo de Cima, Ponte da Estiva (fazenda Ourinhos), Capim Verde (ou Mata Cavallo do Meio), Mutuca e Mata Cavallo de Baixo. Segundo dados do Programa Saúde da Família, a comunidade é composta por 174 famílias, totalizando 458 pessoas.

Segundo estudos realizados por Maria de Lourdes Bandeira, as terras originais do Quilombo Mata Cavallo faziam parte da fazenda Sesmaria Boa Vida e foram doadas pela antiga proprietária aos seus escravos. A partir de então os mesmos tornaram-se livres e continuaram nas terras, plantando e colhendo para si. Outras áreas contíguas foram compradas e incorporadas ao Quilombo no final do século XIX (ICICT/Fiocruz, 2022).

O reconhecimento oficial da comunidade remanescente de quilombos se deu em 1999, pela certidão de auto-reconhecimento emitida pela Fundação Palmares, que culminaria no processo de reconstrução identitária e fundiária da comunidade, e na titulação, em 2000, de 11,7 mil, dos mais de 14 mil hectares identificados posteriormente pelo Incra como área remanescente do quilombo (ICICT/Fiocruz, 2022).

O “Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo” surge a partir do mapeamento social realizado no ano de 2021 em busca de todos as moradoras e moradores que exerçam práticas tradicionais de cuidado e cura e de saúde popular em suas distintas modalidades, entre elas: benzedeadas e benzedores, remedeadas e remedeados, raizeiras e raizeiros, garrafeiras e garrafeiros, parteiras, curadoras e curadores, costureiras e costureiros de rendiduras ou machucaduras.

Sua denominação surge da proposição dos próprios participantes que entendem que o coletivo contempla a participação de sujeitos com diversos “saberes”, como citado acima, que precisam ser valorizados em suas especificidades. Tendo em vista que esses saberes são colocados em práticas socioculturais, são realizados também os “fazeres” em busca de cuidado e cura pautado em uma medicina popular e tradicional, materializados em rezas, benzeções, chás, raízes, garrafadas, entre outros. Podem participar do coletivo moradores do Quilombo de Mata Cavalo que exerçam saberes e práticas ancestrais ligadas ao ofício de práticas tradicionais de cuidado e cura e saúde popular

As práticas tradicionais de cuidado e cura, envolvem as orações, bênçãos, benzimentos, cuidados com remédios naturais diversos, podendo existir práticas diferentes entre as pessoas que as veiculam, pois estão relacionadas com princípios, fundamentos e finalidades diversas.

O coletivo foi composto inicialmente pelos moradores do Quilombo que desempenham práticas tradicionais de cuidado e cura e medicina popular que foram identificados no mapeamento realizado pelo projeto “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT” desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE) da Universidade Federal de Mato Grosso. Foram mapeados/as 16 mulheres e 06 homens, residentes em cinco comunidades, sendo elas Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de cima, Mutuca, Aguaçu e Estiva. Na imagem 1 apresentamos um mapa com a localização dos mapeados dentro da comunidade.

A imagem que se têm das pessoas que praticam tais ofícios, principalmente benzedeadas, é a descrita por Oliveira (1985, p. 25) como sendo “geralmente é a de que seja uma mulher, casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria”. Entretanto, a autora assevera que é preciso considerar que “ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os



místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”.  
(OLIVEIRA, 1985, p. 25).

No Quilombo de Mata Cavallo, no âmbito do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos, tal prática não está restrita a mulheres, os homens também desempenham práticas de cuidado e cura.

**Imagem 1: Localização dos mapeados no Quilombo de Mata Cavallo**



**Fonte:** elaborado pelos pesquisadores a partir dos dados da pesquisa (2022)

O coletivo foi fundado no mês de outubro de 2021, inicialmente formado pelos participantes mapeados e apresentados na Imagem 1, desde então, foram realizadas reuniões presenciais para discussões sobre sua constituição, atividades colaborativas, aprendizagem sobre diversos temas e trocas entre os participantes. Entretanto, com o transcorrer do tempo e devido a constituição da vida de cada participante, alguns se mudaram do quilombo para outra localidade (Nº 4, 18, 20) ou mudaram de religião o que os fez abandonar a realização de tais práticas (Nº 10), assim, deixaram de participar do coletivo. Outros, devido as atividades laborais (Nº 9, 11, 21) não conseguem participar das atividades presenciais do coletivo, mas continuam desenvolvendo as práticas de cuidado e cura tradicional. Após esse mapeamento inicial novos

participantes foram manifestando interesse em ingressar no coletivo (Nº 23, 24). Diante disso, atualmente frequentam as ações do coletivo 10 participantes.

**Tabela 1: Participantes do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo**

Nº	Idade	Sexo	Religião	Modalidade do Ofício	Comunidade	Residente Quilombo desde
1	64	F	Católica	Raizeira, chás	Mata Cavalo de Baixo	1990
2	61	F	Católica	Benzedeira	Mata Cavalo de Baixo	2000
3	63	F	Católica	Raizeira, xaropes, chás	Mata Cavalo de Baixo	1996
5	55	F	Católica	Benzedeira, raizeira, chás	Estiva	2015
13	59	F	Evangélica	Raizeira, garrafeira, erveira	Mata Cavalo de Baixo	2000
14	61	F	Católica	Raizeira, benzedeira, garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	1991
16	74	F	Católica e Umbandista	Benzedeira, Mãe de Santo, Garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	1976
22	67	F	Católica e Evangélica	Erveira, garrafeira, chás	Mata Cavalo de Cima	1996
23	56	F	Católica	Erveira, Garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	2021
24	62	F	Católica	Garrafeira	Mata Cavalo de Baixo	2021

Fonte: elaborado pelos pesquisadores a partir dos dados da pesquisa (2022)

Como observado na tabela 1, participam do coletivo saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavalo 10 mulheres, residentes em três comunidades do Quilombo (Mata Cavalo de Baixo, Estiva e Mata Cavalo de Cima), com idade entre 55 e 74 anos que praticam diversas modalidades de ofício de cuidado e cura no âmbito da medicina popular.

Oliveira (1985) assevera que “o modo como cada profissional encaminha sua benção revela a sua formação religiosa e sua visão de mundo, da qual a sua benção é uma das expressões”. Essa formação religiosa, não é oriunda apenas do catolicismo. A partir de pesquisa de campo realizada por Oliveira (1985, p.31), são encontradas seis modalidades religiosas de benzedeiras: “católica, corrente católica, crente, kardecista, umbandista e esotérica. Deve haver muitas outras modalidades religiosas de profissionais populares da benção”. No Quilombo, encontramos práticas tradicionais de cuidado e cura e de saúde popular por praticantes das religiões católica, evangélica e umbandista, como evidenciado na Tabela 1.

O Quilombo possui uma ampla extensão territorial, são mais de 11 mil hectares (110.000 m<sup>2</sup>), o que exige que os participantes do coletivo percorram grandes distâncias para se encontrarem presencialmente, muitos não possuem veículos e dependem de carona no ônibus



escolar para se descolarem até a Casa de Cultura que se localiza no terreno da escola da comunidade, local em que são realizados os encontros presenciais. Além disso, diante das restrições sanitárias e orientações quanto ao distanciamento social impostos devido a pandemia de Covid-19, em diversos momentos houve o receio de realizar encontros presenciais para manter os participantes em segurança. Diante disso, para que os participantes pudessem permanecer em contato, sem a necessidade desses deslocamentos e encontros presenciais, pensamos em encontrar novas formas de comunicação, utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Levamos para o coletivo essa discussão para que eles pudessem identificar tais possibilidades de organização. Apresentamos na próxima seção desse texto uma contextualização teórica sobre a utilização das TICs no contexto atual e reflexões sobre o processo de incorporação no âmbito das ações do coletivo.

## **POSSIBILIDADES E CONTRADIÇÕES PRESENTES NA UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS DIGITAIS NO COLETIVO**

O estudo “Digital 2021”<sup>2</sup> publicada em parceria entre a *We Are Social* e *Hootsuite* divulgado em março de 2021, revelou que 5,22 bilhões de pessoas utilizam telefone celular, o que equivale a 66,6% da população total do mundo. Em relação ao acesso à internet, o número de conexões móveis é de 4,66 bilhões de pessoas, o que equivale a 59,5% da população mundial (KEMP, 2021).

No Brasil, a pesquisa TIC nos domicílios de 2020 mostra que possuem mais domicílios com acesso à internet do que estudo realizado anteriormente, com um total de 83%. Na região Centro-Oeste o total de domicílios com acesso à internet é de 81%. Entretanto, se observarmos o acesso à internet por classe social, identificamos que as classes C e D (91% e 64%) possuem índices bem abaixo das classes A e B (100% e 99%). Mesmo com o aumento da proporção de usuários de Internet em relação aos anos anteriores, o que mostra que o acesso vem aumentando, as desigualdades persistem, já que, classes mais altas, com maior escolaridade e mais jovens possuem maiores proporções de usuários de Internet (CGI.br, 2020).

As constatações extraídas da referida pesquisa permitem inferir a existência, ainda, de lacuna que envolve a questão do acesso à Internet e às TIC, em razão de

---

<sup>2</sup> <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>

condições socioeconômicas e geográficas. Diante dessa desigualdade, existem iniciativas que buscam alternativas para a inclusão digital. Mori (2011) apresenta três vertentes distintas no que se refere a compreensão do que seja a inclusão digital. O primeiro é como acesso, ou seja, consiste na condição do usuário em obter infraestrutura, bens e serviços que garantam que ele consiga utilizar as TICs. O segundo é como alfabetização digital, nessa compreensão, busca-se proporcionar aos sujeitos habilidades de utilização dos artefatos e serviços, para que tenham condições de utilizar a infraestrutura. A terceira vertente, consiste na apropriação de tecnologias, em que, além do acesso e da compreensão sobre a utilização das TICs, os usuários devem desenvolver uma compreensão de como se apropriar dos recursos para “reinventar seus usos e não se constituir como meros consumidores” (MORI, 2011, p. 40).

Nossas pretensões de estabelecer relações sociais com apoio das TIC estão muitas vezes enviesadas pela realidade social da universidade ou do contexto social dos pesquisadores, em que, em sua maioria possuem aparelho de telefone, computador e acesso à internet. Nos esquecemos que o mundo digital com todas as suas vantagens, não se encontra ao acesso de todos, contribuindo cada vez mais para marcar a diferença entre a exclusão social e a igualdade de oportunidades.

A cultura das redes pressupõe a “desconstrução e reconstrução contínuas”, numa “organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo” (CASTELLS, 2002, p. 565). Entretanto, quando observamos o contexto de pesquisa que estamos inseridos, tal cultura de redes poderia excluir ainda mais os sujeitos, tendo em vista sua realidade social. O quilombo de Mata Cavalo está localizado na Zona Rural do município de Nossa Senhora do Livramento em Mato Grosso no âmbito do coletivo saberes e fazeres curativos, entre os participantes 05 (25%) não possuem telefone celular. 06 (30%) possuem apenas telefone para ligações sem possibilidade de utilização de aplicativos de comunicação instantânea via internet, como por exemplo, o *WhatsApp*. 09 (45%) possuem aparelho celular com *WhatsApp*, entretanto, alguns dependem do acesso à internet em lugares externos, não tendo conexão sem fio em suas residências. Somente 02 (10%) participantes, possuem conta na rede social *Facebook*.

Na busca pela compreensão de como ocorre a comunicação, percebemos, o poder da comunicação face a face e em forma de recados, identificamos tal fato na fala de uma participante “aqui, a gente é o seguinte, as vezes um precisa de alguma coisa ou um favor ou

precisar ligar pra alguém, de um passa pra outro, manda dizer: fala pra eles que isso ou então manda alguém de bicicleta [...] é, porque tem muita gente num tem celular” (N. 13).

O uso de TICs como agentes globalizantes ainda é dependente da espacialidade fixa do mundo real – os pontos de acesso, a fisicalidade e a materialidade dos fios. Além disso, existe um mundo entre as TICs e o ciberespaço na forma de outras infra-estruturas, redes sociais face-a-face, trabalhadores capacitados, acesso a materiais e mercados globais e locais. Em outras palavras, embora as TICs trabalhem para destruir as relações espaço-temporais, para 'desespacializar' as relações sociais, outras práticas espaciais, formas e forças trabalham contra esse enfraquecimento (DODGE; KITCHIN, 2001, p. 14-15)

Entretanto, os participantes perceberam que a criação do grupo, mesmo não alcançando a todos poderia contribuir para a comunicação entre os participantes, assim N.2 fez a seguinte sugestão, “a gente pode, não sei se vocês concorda comigo, a gente faz o grupo praqueles que tem WhatsApp, a gente cria uma lista com número de telefone de todo mundo que não tem WhatsApp se precisar ligar”.

Percebemos no contexto de criação do grupo uma preocupação com os colegas que não possuem telefone e com aqueles que não tem aparelho com compatibilidade para instalação do aplicativo. Isso fica evidente na fala de N.5 ao afirmar que “é interessante a ideia do grupo, mas aí quem tá mais próximo do outro, até eu mesma, eu vou lá e aviso. Aviso, passo recado para quem não ta no grupo”. Embora vivenciando uma situação de exclusão digital, os participantes são acolhidos pela comunidade e fica estabelecida uma relação de solidariedade entre os mesmos.

E assim foi criado o grupo de WhatsApp, no qual, os integrantes do coletivo ficam à vontade para conversarem, postarem receitas, orações, preparos de ervas, xaropes e chás, recados sobre os encontros presenciais e demais assunto de interesse. No grupo, a maioria das mensagens trocadas entre os participantes se dá através de áudio, pelo fato de que grande parte dos participantes serem analfabetos ou semianalfabetos, assim, houve a necessidade de encontrar mecanismos para a acessibilidade de tais participantes.

Identificamos como vertentes de inclusão digital das práticas realizadas no quilombo a apropriação de tecnologias, Rodriguez (2006, p. 38), define como apropriação:

[...] a capacidade de tomar para si, de assimilar e, ampliando um pouco mais esta concepção, de compreender e transformar, estabelecendo quais usos o objeto apropriado pode ter e quais são os efeitos que este uso acarretará para si e para o grupo. É um movimento que acontece em um processo dinâmico, que pode envolver momentos de adaptação e reinvenção de significados.

A apropriação no contexto do quilombo tem como significado romper as distâncias que impedem os sujeitos de se comunicarem mais intensamente, e essa interação é importante na construção de ações no âmbito do coletivo, bem como, no fortalecimento de suas redes de relações afetivas, mas não são desfeitas relações face a face e não se impõe uma exclusão aqueles que não tem as mesmas condições de acesso.

A maneira como se estabelecem as relações de comunicação no âmbito das tecnologias apontam para uma inclusão digital que não corrobora com certos mecanismos produtores de exclusão. Ressaltamos nesse contexto a posição dos participantes que assumem o uso das tecnologias não tendo em vista demandas tecnológicas e sociais impostas pela necessidade de consumo, mas foram estabelecendo conforme suas necessidades e suas possibilidades.

Corroboramos com Buzato (2008, p. 341), que afirma sobre a necessidade “de trazer os assim chamados “excluídos” para a posição de sujeitos (e não objetos) da sua própria “inclusão”, pelo reconhecimento de que os usos das TIC são formas de sua produção (e não apenas de seu consumo)”

Assim, embora a idéia de que os grupos subalternos produzem seu cotidiano (e não apenas são produzidos por ele) permaneça válida, a delimitação dele não pode mais ser pensada em termos de um espaço geográfico absoluto [...]. A compressão do espaço-tempo, a dinâmica intercultural, a voracidade dos fluxos de informação, produtos, pessoas e formas simbólicas típicos da sociedade em rede (e da globalização) são fatores que os investigadores têm, cada vez mais, que considerar. (BUZATO, 2008, p. 342)

Nas discussões sobre os usos das tecnologias, nos deparamos com o seguinte relato, “Quer ver, olha só, eu tô num grupo de trocas e, é, trocas de mudas e sementes, nesse grupo surgiu uma pessoa que falou assim ‘gente eu não tenho nada [...], eu preciso de remédio, eu preciso de alguma coisa’ e aí todo mundo começou a mandar, o pessoal manda pelo Correio” (N.13). Essas trocas e solidariedade já ocorrem no âmbito da comunidade de forma presencial, face a face, mas também extrapolam os limites geográficos locais, como expos a participante N.13 “as pessoas ligam pra mim e falam ‘Jacira eu tô com problema assim, assim e assim’ aí eu já, já escuto aquela fala ali e a gente vendo o que que ela fala, o que que a pessoa tá sentindo, já sei o que que eu vou preparar pra ela, pro tratamento dela”. Complementando, N3, também afirma que orações são realizadas para pessoas que se encontram distantes da comunidade, afirmando que “nós fazemos muitas orações, muito dos nossos queridos amigos e colegas que tava enferma, nós unimos e oramos, mesmo sem tá ali junto” (N.3).

No decorrer das discussões os participantes perceberam que os saberes e práticas desenvolvidos por elas já extrapolam os limites geográficos da comunidade e o quanto isso

pode ser importante em um processo de reconhecimento dos seus saberes e fazeres. São apresentados exemplos de outros coletivos que já possuem constituído práticas de benzimentos virtuais, de divulgação de ações de solidariedade, de produtos, entre outros. Sobre esses coletivos que desenvolvem práticas virtuais, N13 comenta que:

eu acho muito interessante, esses dias tava até comentando com alguém, com as colegas assim que, o fato do grupo, pelo grupo né cê pode pidi oração, que eles manda, você envia mensagem com uma indicação tipo ‘ah preciso de um chá’ eles também ajuda a indicar esses chás e oração pra família, você coloca um sobrenome da sua família, o nome da sua família, pai, mãe, irmão. Agora tá chegando o natal eles já começaram a colher esses nome, cê coloca lá e aí eles fazem né, essa, essa prece, essa oração através do nome que você colocou lá” (N. 13)

Na atualidade, há grupos de benzedoras e benzedores que têm desenvolvido a prática de benzimento virtual, por meio de páginas do Instagram, Facebook e até mesmo pelo YouTube. Integrar as benzedoras e benzedores de Mata Cavalo a essa técnica pode levar o ofício para diversas regiões, atingindo pessoas que estejam necessitando ter acesso a benzimento, como também, revitaliza esses benzedores e benzedoras que, muitas vezes, não têm tido acesso a tal prática, ficando restritos ao isolamento domiciliar, que termina por praticamente impossibilitar os benzimentos. Tais práticas também poderiam dar visibilidade ao coletivo e sua conexão com demais pessoas e localidades, contribuindo com a sua autoidentificação e heteroidentificação.

A prática de benzimentos virtuais se desenvolveu especialmente durante a pandemia de COVID-19, demandada, por um lado, pela necessidade de benzedoras desenvolverem sua prática e por outro, pela carência das pessoas por benzimentos diante de tanta dificuldade e tristeza geradas pela pandemia.

Entretanto, percebemos a dificuldade de as benzedoras e benzedores de Mata Cavalo em se comunicarem com o mundo externo, dada a carência tecnológica por vezes enfrentada pela comunidade. Essa dificuldade pode ser evidenciada na fala de N.13:

Bom dia, bom dia povo de Deus, faz dias que não respondo, estava sem wi-fi aqui, tava sem internet, ai estava com saudade de comunicar com todos ai, um grande abraço para todos do nosso grupo, que Deus abençoe, muita luz, muitas energias, saúde e proteção a todos, um beijo de coração para todos vocês”.

Mesmo diante dos empecilhos, percebemos o interesse do coletivo, em expor seus trabalhos e de comercializar alguns produtos que poderiam contribuir com a renda do coletivo e de seus integrantes. Diante disso, a equipe da universidade que coordena o projeto contribuiu com a abertura da página no Facebook para que as ações sejam divulgadas, conforme Imagem 1.

Imagem 1: Página do Facebook do Coletivo Saberes e Fazeres Curativos do Quilombo de Mata Cavallo



Fonte: [https://www.facebook.com/Coletivo-Saberes-e-Fazeres-Curativos-do-Quilombo-de-Mata-Cavallo-108101291756634/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Coletivo-Saberes-e-Fazeres-Curativos-do-Quilombo-de-Mata-Cavallo-108101291756634/?ref=page_internal) (2022)

Entendemos que o desenvolvimento da inclusão digital desses sujeitos pode também auxiliar como elemento de desenvolvimento econômico social, como um recurso para a solução de problemas sociais, e conseqüentemente com a garantia de direitos e de cidadania.

Finalizamos com a fala de N3, que em um áudio no WhatsApp diz:

Bom dia minhas amigas, amigos, que Deus ilumina seus caminhos, seus dias, que Deus abençoa, tão animadas? Janeiro esta ai, vamos que vamos, colhem bastante planta pra nós todos, para janeiro termos muito mudas mais para plantar. Fiquem com Deus, tenham um bom almoço.

E assim, entre desafios e possibilidades o coletivo continua avançando em seu fortalecimento, de um lado o apoio daqueles que conhecem a luta dessas pessoas invisibilizadas pelo poder público e pela população em geral e que com o desenvolvimento do projeto ensejam contribuir com a transformação social daquele espaço e do outro, pessoas determinadas em



fazer o bem, com amor, solidariedade e que continuam resistindo às diversas formas de exclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição do coletivo saberes e fazeres curativos do Quilombo de Mata Cavalo se consolida como um espaço para tirar as pessoas da individualidade e invisibilidade social e passarem a se relacionarem com outros sujeitos de sua comunidade que exercem práticas e possuem perspectivas próximas em relação as práticas de cuidado e saúde popular.

O coletivo se constitui como um espaço de troca de saberes, experiências e apoio pautado na solidariedade e amorosidade com o próximo e com o mundo que os cerca. Existe um respeito a coletividade, as práticas diferentes e as dificuldades enfrentadas pela comunidade que é marcada pela exclusão social, pelo abandono e pelo preconceito, mas em união procuram a cada dia superara-las conforme suas possibilidades.

Vislumbramos no âmbito da execução do projeto, a contribuição que o uso do celular poderia trazer para a comunicação entre os participantes do coletivo, que pela característica de um espaço em uma comunidade rural, os participantes precisam percorrer longas distâncias para se encontrarem ou para se comunicarem com os colegas do coletivo.

Nas oficinas realizadas, os integrantes do coletivo perceberam que o uso do celular poderia ser benéfico, entretanto, deveriam (re)pensar formas de utilização diante das possibilidades da comunidade e dos participantes, que já sofrem muita exclusão na sociedade, e seria inadmissível o espaço do coletivo, se tornar mais um desses espaços.

Assim, o uso do celular, não rompeu com as relações face a face, foram criadas estratégias e possibilidades para que a inclusão digital daqueles que possuem recursos não contribuísse para a exclusão daqueles que não possuem. Além disso, o uso do celular deveria estar pautado não apenas no consumo, mas sim, na criação do seu cotidiano de forma a contribuir com as ações do coletivo.

Reafirmamos a contribuição da pesquisa participante e do desenvolvimento do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento/MT” para que esses sujeitos vislumbrem perspectivas de valorização dos seus saberes e práticas que muitas vezes são desconsiderados.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa.** Redigida em estado de rascunho durante IV Seminário do Observatório de Educação do Campo SC/PR/RS realizado em Florianópolis, entre 18 e 20 de março de 2013. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/> Acesso em 29 de Julho de 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo. Brasiliense. 1984.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 38 maio/ago. 2008
- CAETANO, Edson. Ao lado dos povos e comunidades tradicionais: o GEPTE e a Epistemologia do Bem Viver. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo de; FREIRE, Daniela Barros da Silva; RIBEIRO, Marcel Thiago Damasceno. **Memória, pesquisa e impacto social: O percurso formativo do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT [e-book].** Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CGI.br. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – **TIC Domicílios 2020.** 2020. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2020\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf) Acesso e, 21 de fevereiro de 2021
- DODGE, M.; KITCHIN, R. **Mapping Cyberspace.** New York, Routledge, 2001
- ICICT FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos: Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil.** Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/mt-comunidade-quilombola-de-mata-cavalo-apesar-da-conquista-da-titulacao-ainda-expulsa-e-sob-ameacas/> Acesso em 23 de fevereiro de 2022.
- KEMP, Simon. Digital 2021: **Global Overview Report. Datareportal.** Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report> Acesso em 21 de fevereiro de 2021
- MORI, Cristina Kiomi. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010.** 351 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção.** São Paulo: Brasiliense, 1985a (Coleção Primeiros Passos).
- RODRIGUEZ, Carla Lopes. **O movimento de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por adultos escolarizados em exercício de sua profissão: um estudo**

com agentes comunitários de saúde. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.